



Nota da CPT/MG sobre o julgamento do Massacre de Felisburgo: o que não pode ser esquecido.

“Enquanto estavam no campo, Caim se lançou contra o seu irmão Abel e o matou. Então Javé perguntou a Caim: “Onde está o seu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei. Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?” Javé disse: “O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim. Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber de suas mãos o sangue do seu irmão.” (Da Bíblia, Livro de Gênesis 4,8-11)

Os agentes e militantes da Comissão Pastoral da Terra – CPT -, em Minas Gerais, profundamente irmanados com os companheiros Sem Terra do MST que, numa luta sem trégua, lutam pela socialização da terra, por reforma agrária massiva e popular, estão comprometidos também com a luta por justiça diante do crime hediondo, com requintes de covardia e barbarismo, que foi o Massacre de Felisburgo. Basta de punição para os pobres, negros e jovens das periferias. Basta de impunidade para os crimes perpetrados por integrantes da classe dominante. Para que a verdade triunfe, a Comissão Pastoral da Terra vem a público dizer o que não pode ser esquecido no caso do Massacre de Felisburgo. Eis o que segue.

Na madrugada do dia 1º de maio de 2002, dia das/os trabalhadoras/res, cerca de 230 famílias sem-terra, organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocuparam a Fazenda Nova Alegria, de 1.700 hectares, em Felisburgo, Vale do Jequitinhonha, MG. Era a primeira ocupação do MST no município. Cerca de 1/3 da fazenda (515 hectares) é de terra devoluta, grilada pela família do fazendeiro e empresário Adriano Chafic. O coronelismo imperava incólume na região, mas a fome e necessidade impeliram os camponeses a se unir, se organizar e a partir para a luta. Com poucas reuniões promovidas pelo MST, o povo teve a coragem de quebrar a cerca desse latifúndio, onde, aliás, posseiros já tinham sido humilhados, inclusive, o Sr. Koné, ali por muito tempo e ter depois simplesmente desaparecido.

Mas a sanha egoísta dos latifundiários irrompeu-se. Era inadmissível o MST chegar, ocupar e quebrar um tabu que dizia “aqui quem manda é os fazendeiros.” Era inaceitável Sem Terra ter vez e voz. Assim, uma escalada de ameaças desencadeou-se durante dois anos e meio. Ameaças de todos os tipos. O povo do Acampamento Terra Prometida – pelo Deus da vida e pela luta organizada – teve de montar guarita e Comissão de Segurança para se defender. Inúmeras denúncias foram feitas pelo MST e pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) alertando as polícias militar e civil, a Secretaria de Segurança de Minas, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o Governo Federal, enfim, todas as autoridades sobre os riscos a que estavam sujeitos os trabalhadores. Estava já sendo criadas as condições para se fazer o que ficou conhecido como O Massacre de Felisburgo. Mas ... até os Boletins de Ocorrência eram “revisados” pelos Sem Terra, porque quase sempre maquiados por policiais que se negavam a escrever a versão dos Sem Terra. A CPT, em 24 de setembro de 2004, fez uma representação junto à Secretaria de Segurança Pública de Minas, alertando que oito jagunços estavam há dois dias dentro do acampamento, mas as autoridades não tomaram as medidas para evitar o massacre. O Estado, mais do que omissivo, revelou-se cúmplice de violência.

Estes fatos ganharam repercussão nacional e internacional, mas não são isolados. Eles se inserem no bojo dos 112 conflitos agrários no estado de Minas Gerais, registrados pela CPT em 2004. Estes conflitos, além dos nove assassinatos acontecidos em Minas Gerais, foram responsáveis por 32



tentativas de assassinatos, 27 ameaças de morte, 24 torturados, 75 presos e 56 feridos. Em 25 de novembro de 2004, a CPT de Minas entregou ao Governo do Estado e à Assembleia Legislativa de Minas Gerais um dossiê denunciando a existência de milícias armadas atormentando a vida dos sem-terra acampados no estado. A CPT/MG também registrou 26 ataques de jagunços a acampamentos em Minas nos anos de 2003 e 2004.

Após ter acontecido em Unaí, MG, dia 28 de janeiro de 2004, o Massacre dos quatro fiscais do Ministério do Trabalho, no mesmo ano, dia 20 de novembro de 2004, um sábado chuvoso, dia de Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra, por volta das 10:40h da manhã, Adriano Chafic, dono também de muitas outras fazendas na Bahia, chegou ao Acampamento Terra Prometida, com um bando de 17 jagunços. Renderam um Sem Terra que estava na guarita do acampamento e, com revólver encostado na sua orelha, o obrigaram a soltar um foguete, que era a senha para reunir todo o povo do acampamento em caso de ameaça ou de necessidade de se reunir com rapidez. O povo começou a se reunir. Adriano Chafic, visto por muitos no local, liderava a operação, perguntando “*Cadê a Eni e o Jorge?*” e ordenando “*Podem atirar e matar...*”. O bando de jagunços - uns encapuzados, outros não - iniciaram os disparos. Dentro de poucos minutos já tinham assassinado cinco Sem Terra - **Francisco Nascimento Rocha** (72 anos), **Juvenal Jorge da Silva** (65 anos) **Miguel José dos Santos** (56 anos), **Joaquim José dos Santos** (49 anos) e **Iraguiar Ferreira da Silva** (23 anos). Todos os tiros foram à queima roupa. Feriram mais de 12 pessoas, incendiaram com gasolina dezenas de barracos de lona preta, inclusive a barraca da Escola, a barraca de alimentos, a barraca da biblioteca, barracos de Maria Gomes dos Santos e do Jorge Rodrigues. Uma criança de doze anos levou um tiro próximo ao olho. Puseram gado nas lavouras dos Sem Terra. Muitos trabalhadores do acampamento ficaram, desde então, amedrontados e portadores de alguma doença, física ou mental, como consequência daquele crime.

Maria Gomes dos Santos está viva, porque naquele momento estava na pequena Secretaria do MST na cidade de Jequitinhonha. O Jorge Rodrigues está vivo, porque companheiros o convenceram a sair rastejando pelos fundos do acampamento. Ele fugiu pelo mato por muitos quilômetros até poder telefonar e dizer a Maria Gomes: “*Cinco companheiros tombaram no Acampamento Terra Prometida, mas nós seguiremos em frente!*”

O pânico e traumas indelévels estão ainda como fantasmas na mente, no subconsciente de dezenas de crianças, idosos, mães desesperadas procurando seus filhos. Leonice Francisca, mãe de onze filhos, com seis já tendo migrado para São Paulo, por falta de reforma agrária, em pranto gritava procurando seus filhos.

Avisada logo em seguida por Maria Gomes, a Polícia só apareceu no local do Massacre de Felisburgo seis horas após, dando prazo suficiente para os jagunços e Adriano Chafic fugirem, após esconder o arsenal de armas em um buraco no mato. Detalhe: cada jagunço empunhava dois revólveres. Além de encontrar as armas, a polícia encontrou as Notas Fiscais de compra das armas na Bahia e da compra de colchões para abrigar os jagunços durante a preparação do bárbaro massacre.

Houve feridos que morreram por falta de socorro. Um motorista de Kombi da prefeitura de Felisburgo foi demitido porque deu carona para um trabalhador Sem Terra que implorava na beira da estrada por socorro. Mortes a queima roupa e com requintes de crueldade. Assassinatos seletivos, pois os cinco mortos eram lideranças do acampamento e do MST do Vale do Jequitinhonha. O ódio também se voltava contra ex-trabalhadores da fazenda, pois, na mente doentia do assassino, significava afronta à submissão dos trabalhadores aos seus coronéis.

Adriano Chafic foi preso duas vezes e conquistou habeas corpus. Confessou a participação no massacre. Ele e os jagunços – um já morreu – já deveriam estar detrás das grades, condenados como



perpetradores desse crime hediondo, mas há muitos outros culpados que não podem ser esquecidos. O prefeito de Felisburgo na época e vários outros fazendeiros participavam agressivamente das ameaças e davam todo apoio à sanha criminosa do Adriano Chafic. Policiais, delegado e o governo de Minas que deixa as terras nas mãos de empresas, especialmente as eucaliptadoras. Some-se que agora o governador de Minas está tentando reabilitar uma Proposta de Emenda à Constituição de Minas e aprová-la na Assembleia Legislativa querendo passar de 250 para 2.500 hectares a área que o Estado de Minas Gerais pode titular as terras devolutas para as pessoas físicas ou jurídicas. Algo antidemocrático que significa entregar de vez a imensidão de terras devolutas de MG, contrariando a Constituição Federal que destina essas terras preferencialmente para a Política de Reforma Agrária. Logo, o Governo de MG também deveria estar no Banco dos réus ao lado do mandante Chafic.

O Presidente Luiz Inácio da Silva, o Lula, assinou o Decreto de desapropriação da Fazenda Nova Alegria por crime ambiental, não porque lá ocorreu o massacre. Ou seja, matar uma árvore é mais grave do que matar cinco pessoas, disse implicitamente o decreto de desapropriação. Mas o Poder judiciário não se comoveu nem com as árvores matadas e nem com o sangue dos pobres vertendo na mãe terra, naquele dia chuvoso. E impugnou o decreto desapropriatório. Assim as 60 famílias que perseveraram na luta estão ainda sem ser assentadas e terão que fazer a reforma agrária na marra, porque o Estado violentador dos direitos humanos não o faz.

No memorial construído no cemitério da cidade de Felisburgo, há uma grande inscrição que diz: *"Aqui foram sepultados os Sem Terra Francisco, Iraguiar, Manoel, Joaquim e Miguel, covardemente assassinados a mando do fazendeiro Adriano Chafik, dia 20 de novembro de 2004. Eles tombaram, mas o sangue deles circula nas nossas artérias e nós seguiremos lutando por reforma agrária, por justiça social e dignidade. Essa era a luta deles e é nossa luta."* A Família MST assumiu o compromisso, imortalizado na frase inscrita do lado esquerdo do memorial: *"Nós caminharemos por vocês na busca dos seus sonhos que também são os nossos sonhos: a terra, a justiça e a dignidade"*. O memorial guarda a triste lembrança do dia em que o fazendeiro Adriano Chafik comandou o Massacre de Felisburgo.

Em 20 de novembro de 2005, na celebração de 1 ano do massacre de Felisburgo, uma série de testemunhos deixou todos os presentes com o coração na mão. O Sem Terra Jorge Rodrigues Pereira, um dos marcados para morrer naquele dia, deu o seu testemunho: *"Iraguiar, antes de ser assassinado, me disse: 'Jorge, sai fora, porque vão matar você'. Quando vi o tanto de armas, tentei animar os companheiros a dialogar com os pistoleiros, mas tive que correr para não ser morto também. Fugi para procurar socorro. Andei uns oito quilômetros pelo mato até um vilarejo, onde pude telefonar para avisar aos companheiros da cidade de Jequitinhonha e de Belo Horizonte. Nós não queremos guerra. Queremos terra, pois sabemos plantar"*.

José Maria Martins, um sobrevivente que levou um tiro na perna, disse: *"Enquanto a gente tentava levantar um companheiro que tombava, os pistoleiros matavam outros. Após fugir para não morrer, olhei para trás e vi uma nuvem de fumaça cobrindo o acampamento que ardia em chamas. Nunca vou esquecer isso. Doeu muito e continua doendo!"*.

A Sem Terra Maria Gomes dos Santos enfatizou: *"Antes da chegada do MST em Felisburgo, os pobres sempre se curvavam diante do poder dos fazendeiros. O massacre foi premeditado. As armas foram compradas antes e os coronéis diziam que o massacre não aconteceria antes da eleição para não atrapalhar a política e o candidato apoiado por eles, ou seja, um massacre não ficaria bem"*.

Dia 20 de novembro de 2009, no cemitério de Felisburgo, na celebração do 5º ano do Massacre de Felisburgo, a emoção foi grande. Muitos choraram. As viúvas e os sobreviventes do massacre de



Felisburgo sentiram, mais uma vez, uma espada de dor atravessando o coração deles. Grazielle José dos Santos, de onze anos, entre lágrimas desabafou: *"Todos os dias sinto uma grande dor no coração, pois perdi meu pai Joaquim, perdi meu tio Miguel e perdi meu cunhado Iraguiar. Todos nesse covarde massacre. Eu só peço justiça!"* Eis a dor que o latifúndio e o coronelismo causam. A psicóloga doutoranda da PUC/SP Fabiana Andrade e professora da PUC/MG pesquisou em sua dissertação o trauma causado pelo Massacre de Felisburgo. Diz ela: *"Diagnosticuei que as pessoas desenvolveram um trauma que afeta suas vidas diariamente. Elas têm medo, não dormem à noite, algumas pessoas desmaiam e têm pesadelos constantes."*

Três processos de indenização na esfera cível tramitam parados na comarca de Jequitinhonha. Indenização? Cadê?

Apesar de tanta dor, um sentimento pode ser cultivado: hoje, quase nove anos após, o MST é respeitado em Felisburgo. Todo sábado a produção do Acampamento Terra Prometida é carinhosamente esperada na Feira de Felisburgo, pois os alimentos, verduras e legumes produzidos hoje pelas 60 famílias da Terra Prometida abastecem a Feira da Cidade. *"70% do abastecimento de alimentos para a cidade vem do Terra Prometida"*, diz o vice-prefeito de Felisburgo, Franklin Canguçu. Ou seja, o latifúndio e os latifundiários oferecem balas que matam os Sem Terra, mas os Sem Terra oferecem alimentação saudável, sem agrotóxicos, para o povo. No acampamento Terra Prometida, a luta segue com muita organização: grupos de jovens, rádio comunitária, escola municipal, além da organização em núcleos de base. Assim, o MST segue na luta produzindo acima de tudo pessoas cidadãs e revolucionárias. Tombaram cinco Sem Terra, mas os sobreviventes seguiram em frente!

O julgamento de Adriano Chafic e de dois jagunços, após quase nove anos, após ser marcado e desmarcado várias vezes, está remarcado para o dia 21 de agosto de 2013 pelo Tribunal do Júri, no Fórum Lafaiete, em Belo Horizonte, MG. O Procurador de Justiça do Ministério Público de Minas, da área de conflitos agrários, Dr. Afonso Henrique de Miranda alerta: *"Eu não estou trabalhando com a possibilidade de Chafik ser inocentado. Eu trabalho com provas, e temos provas suficientes para sua condenação."* Será feita justiça?

A Comissão Pastoral da Terra acompanha de perto o Acampamento Terra Prometida, em Felisburgo, desde o seu início, e não descansará enquanto não forem julgados e condenados todos os jagunços e os mandantes do crime hediondo que foi o Massacre de Felisburgo. Nossa solidariedade às famílias que perderam seus entes queridos e ainda não foram nem indenizadas. Nosso apoio irrestrito ao MST e a toda a família Sem Terra para clamam por justiça.

Belo Horizonte, MG, Brasil, 20 de agosto de 2013.

Assina essa Nota,
Coordenação da Comissão Pastoral da Terra – CPT/MG,

Eis, abaixo, links de alguns vídeos que estão na internet, no youtube, vídeos que revelam a verdade nua e crua sobre o Massacre de Felisburgo.

1) Massacre de Felisburgo, 1ª parte de 6 (7,2 minutos):

<http://www.youtube.com/watch?v=VWswErztBcE>

2) Massacre de Felisburgo, 2,30 minutos:



<http://www.youtube.com/watch?v=ncyKQUd0zdA>

- 3) **Massacre de Felisburgo, feito pelo italiano Antonio Luppo:**
<http://www.youtube.com/watch?v=mjsU2QI-aI0>
- 4) **Depoimento de João Pedro Stédile, da coord. do MST Nacional, sobre o Massacre de Felisburgo, 7 minutos.**
<https://www.youtube.com/watch?v=-v9mnMj9oNo>
- 5) **Massacre de Felisburgo, parte 1 (7,41 minutos):**
<https://www.youtube.com/watch?v=mjsU2QI-aI0>
- 6) **Massacre de Felisburgo: Mística durante o Encontro de preparação para o Plebiscito Popular em MG (12 minutos):**
<https://www.youtube.com/watch?v=4rKx8Genmvk>
- 7) [Massacre de Felisburgo, em MG, segundo Eni, do MST. O Clamor justiça chega aos céus! 05/05/2013](https://www.youtube.com/watch?v=rGV5Jxxi7OI) (14 minutos0):
<https://www.youtube.com/watch?v=rGV5Jxxi7OI>
- 8) [Brigada Justiça para Felisburgo. Justiça para o Massacre de Felisburgo. Julgamento em BH, 15/05/2013](https://www.youtube.com/watch?v=pgUmNmz2Ci0)
<https://www.youtube.com/watch?v=pgUmNmz2Ci0>
- 9) [Palavra Ética com Antoniel Assis e Joselane Gomes: massacre de Felisburgo. E a Justiça? 14/11/2012](https://www.youtube.com/watch?v=6qMfT0PgUGk)
<https://www.youtube.com/watch?v=6qMfT0PgUGk>
- 10) [Massacre de Felisburgo \(Audiência na ALMG\): Eni e Dr. Afonso Henrique/Denúncias graves. 21/11/2012](https://www.youtube.com/watch?v=cxkNoUVA4u0)
<https://www.youtube.com/watch?v=cxkNoUVA4u0>
- 11) [Dep. Padre João cobra Reforma Agrária em Audiência sobre Massacre de Felisburgo. 21/11/2012](https://www.youtube.com/watch?v=xHNvKMQgiN8)
<https://www.youtube.com/watch?v=xHNvKMQgiN8>
- 12) [Jorge Rodrigues, sobrevivente do Massacre de Felisburgo, MG: memória do Massacre. 20/10/2012](https://www.youtube.com/watch?v=e6UniPXXcuc)
<https://www.youtube.com/watch?v=e6UniPXXcuc>
- 13) [Massacre de Felisburgo: Kely, do MST e sobrevivente, relata que ameaças continuam. 20/10/2012](https://www.youtube.com/watch?v=T4Ya57hh7Zk)
<https://www.youtube.com/watch?v=T4Ya57hh7Zk>
- 14) [Palavra Ética com Jorge Rodrigues e Maíra Gomes, sobreviventes/Massacre/Felisburgo/MST. 07/11/2012](#)



-
- <https://www.youtube.com/watch?v=zlooMdNqQRo>
- 15) [Justiça para Felisburgo](#) <https://www.youtube.com/watch?v=ZJ1sQhTT5Dw>
- 16) [JUSTIÇA PARA FELISBURGO 1](#) <https://www.youtube.com/watch?v=1mHsA4yLw6Q>
- 17) [JUSTIÇA PARA FELISBURGO 6](#) <https://www.youtube.com/watch?v=1mHsA4yLw6Q>
- 18) *JUSTIÇA PARA FELISBURGO 5* <https://www.youtube.com/watch?v=1AePAGHbR0U>

Obs.: Muitos dos vídeos, acima referidos, têm outras partes que podem ser encontradas em www.youtube.com.br